

África



16 de Julho

É hoje. Depois daquele que datou o dies natalis de Pai Américo — marcado pela surpresa, por dor em «carne-viva» acabada de ferir, pelo mar de interrogações em que nos mergulhava — este surge carregado pela tristeza da solidão forçada por um «cativo» que dura já oito dias e a que não vejo fim.

Ontem completaram-se trinta e nove anos sobre um dia de nervos, também aqui em Luanda. Acontecera a Festa da Independência do Congo ex-Belga em maré de dúvidas e temores que quase sempre acompanham estas mudanças. Os aviões vindos de Lisboa com rumo a Moçambique, naqueles dias pararam aqui para aderir à «ponte» estabelecida entre Leopoldville e Luanda. O primeiro a prosseguir a viagem era, justamente, o da tarde de 15 de Julho. Júlio Mendes e eu, terminado o mês destinado a Angola, tínhamos lugar marcado para esse voo de modo a cumprir-se o primeiro ponto da visita a Moçambique: Encontro com a população de Lourenço Marques na Catedral onde, ao fim da tarde do dia 16, celebraríamos o quarto aniversário da morte de Pai Américo. Pois com a aglomeração de passageiros dos voos interrompidos e porque vindos do Sul, só chegámos a Luanda, aquele dia, as marcações carecidas de confirmação deixaram de valer e eis-nos perante uma adversidade que nos obrigou a pôr em campo a fim de conseguir licença para viajar. Foi uma luta sofrida quase até à hora do embarque, em que nos valeu uma «cunha» forte e a compreensão do Comandante do avião que consentiu que fôssemos sem lugar. E nunca me pareceu tão cómoda a viagem como daquela vez, ora em pé, ora partilhando os bancos reservados à tripulação! Às quatro horas da madrugada do dia 16, poisados em Mavalane, tinha um fim feliz o pesadelo daquela véspera.

Ontem muito desejei e ainda tive esperança em semelhante sorte que me permitisse celebrar hoje em Malanje, com a comunidade daquela Casa, também ela tão sofrida, os quarenta e três anos que nos separam daquele dies natalis. Hoje, em Luanda, mesmo com o carinho com que somos acolhidos nesta casa dos Jesuítas que nos faz senti-la nossa, foi um dia sombrio e triste para mim, o único aniversário assim — que desde o primeiro, em 1957, com a bênção da Capela e a

entrada dos primeiros Doentes no CALVÁRIO, sempre o 16 de Julho foi dia de Festa na OBRA DA RUA!

Nós cremos na Vida Eterna e na Comunhão dos Santos. São artigos de Fé, vivida, experimentada. Os quarenta e três anos sem Pai Américo visivelmente conosco iluminam o pensamento de S. Paulo: «É na fraqueza dos homens que melhor se reconhece a Fortaleza de Deus presente no meio deles, dos que n'Ele põem toda a sua confiança». E demonstram também a inspiração da palavra de Pai Américo: «A 'minha' Obra começa quando eu morrer». 'Minha', porque ele nunca a considerou sua senão enquanto Deus o encarregava dela! E a hora de o render como primeiro obreiro havia de evidenciar a iniciativa de Deus, o Seu compromisso na Obra, a Sua propriedade dela — por isso hora de começo. Havia de evidenciar... e evidenciou!

Quantos que o tinham e o proclamavam como autor da Obra e pressagiavam o óbito dela coincidente com o dele, encontraram na sobrevivência da Obra razões para entender qual o Autor, o autêntico, o único: Fonte de todo o Bem!

E agora que a segunda geração dos obreiros se aproxima do seu fim — não será hora de recomeço?... Não porque a falta deles contribua para radicar a Obra mais profundamente na Fé, como aconteceu com o fundador, mas pela razão-de-ser que levou Deus a inspirá-la e a carismar um homem e a chamar outros para segui-lo. E essa razão é o Seu amor ao Homem — aos fracos que definham ou sucumbem frente à prosperidade crescente dos mais fortes, iludidos (que acabarão também vencidos) na concorrência libertária da ordem natural que Cristo veio travar com a Sua Cruz. «Carregarmos os fardos uns dos outros» é a divisa da Ordem Cristã. Só ela, vivida, nos projecta para a solidariedade total a que

obriga o Mandamento Novo que Jesus selou com o Seu sangue.

«Amai-vos como Eu vos amei» — eis a permanente novidade a urgir os homens para os restituir à fraternidade recíproca e universal; para reconstituir a Humanidade à imagem de Deus e inseri-la na Família que Ele é e quer ser conosco.

A vocação de Pai Américo e o seu método foi começar e conservar-se sempre em comunhão perante os sofrimentos causados por males sociais que procurava remediar: não de cima; não de fora; mas por dentro deles, experimentando-os na sua carne e na sua alma, em «total aceitação da solidariedade humana» que, como tão bem escreveu o Padre Joaquim Alves Correia, «não exclui os desgraçados, nem os antipáticos, nem sequer os ruins».

Padre Carlos

TRIBUNA DE COIMBRA

A nossa vida de família

HOJE levantámo-nos mais cedo. É segunda-feira e a manhã está fresca. Vamos arrancar batata. Já começámos no sábado de manhã com a apanha de duas toneladas. Hoje será outro tanto. Este ano é um «louvar a Deus» com tanta fartura! Os mercados estão a abarrotar. Ouvimos os agricultores lastimarem-se e com razão, pensamos nós. Quanto a nós, este ciclo produtivo é uma bênção de Deus não só pela fartura mas também pela ocupação sadia que proporciona aos rapazes. Desde o amanho da terra até à colheita, quantas horas de labuta nas terras: a sementeira, os tratamentos, as mondas, é um vai-e-vem constante que proporciona um contacto sã com a terra, a vida natural e dimensiona a vida para o trabalho.

Este ano pusemos de parte a máquina. Os nossos solos ficam duros e a máquina acaba por estragar a batata. É um espectáculo vê-los de enxada de bicos às costas — os maiores, alguns em férias escolares e outros em férias profissionais. Não somos uma pensão para nenhum dos nossos. Somos família. Tanto trabalha o pequeno como o grande. Cada um segundo as suas capacidades. Os mais pequenos, no meio da terra, separam as graúdas das médias e estas das pequeninas. Outros enchem caixotes e carregam. O tractor vai e vem, ora de caixas cheias ora vazias.

Há no rosto de todos enorme alegria e suor. É um complemento inevitável, gerador de harmonia e de equilíbrio que Deus inscreveu no coração humano. A hora da bucha a meio da manhã, à sombra dos milheirais, é uma pausa onde a sobriedade e a natureza se associam invejavelmente. Um pouco mais tarde, o almoço, e, logo a seguir, o grito do chefe: — *É p'ra acabar!* À tarde os mergulhos na piscina que parece um espelho de água, retemperam energias gastas e dão um sentimento de autoconfiança de quem se sente senhor do que lhe pertence.

Quando penso em tanta gente nova, rapazes e raparigas que nesta época vivem desocupados e à mercê de tantas facilidades perigosas, de alma e coração, encomendo a Deus cada um dos nossos e a nossa vida de família.

Padre João



Na Casa do Gaiato o amor aos animais passa de geração em geração

melhor homenageada. As flores passados três dias são lixo que atrapalha, e uma boa obra dura eternamente. Não fica sem recompensa na Eternidade. Mesmo assim foram necessários dois carros grandes para levar tantas flores. Não venceu a rotina, mas marcou posição. Também não quis que o seu velório se transformasse em feira, como acontece em tantas capelas mortuárias. A sua casa e a sua família nela reunida, por si própria, impunham o respeito devido aos seus restos mortais. Parabéns Néné!... No Céu temos a certeza que intercedes por nós.

Deixaram-nos as Irmãs do Outão. Eram assim conhecidas entre os gaiatos, as Franciscanas Missionárias de Maria. Um nome fraterno que diz bem da sua comunhão conosco.

Continua na página 2

SETÚBAL

Vou falar de Mulheres

COM receio de escrever o que me domina e, daí, deixe de transmitir aos Leitores as minhas vivências, ele há dores que são só nossas. A fecundidade brota destas fontes.

Não estamos amordaçados. Aquele em Quem confiamos é mais forte do que todos os poderosos do mundo de todas as épocas. «Se Deus é por nós, quem será contra nós», gritava o Apóstolo Paulo. Na Fortaleza de Deus pode haver prudência, nunca inedito.

Vou falar aos Leitores de *Mulheres*.

Já que elas são chamadas menos fortes do que os homens só porque assumem, na maioria das ocasiões, os lugares mais humildes e escondidos, mas também os mais duros e avançados.

Destaco aquela que a morte separou da nossa sensibilidade há cerca de um mês e que no sofrimento provou grandeza e heroicidade.

Durante mais de duas décadas quando esta Casa era ainda pouco conhecida e esta cidade uma pequena aldeia, a D. Maria Manuela Gomes, conhecedora da riqueza espiritual da

Casa do Gaiato, levou a sua mensagem ao ambiente social que a rodeava com calorosa convicção. Apóstola nas fileiras da Acção Católica, viu rapidamente que por detrás de uma Obra de assistência ao rapaz abandonado estava um trabalho eminentemente apostólico, revelador inquestionável do Amor Próximo de Deus!

Foi nossa embaixatriz nos meios mais ricos e socialmente mais elevados da cidade do Sado. Com eficiente sabedoria organizou a Páscoa da Casa do Gaiato durante décadas. Na Quinta-Feira Santa aí vinha ela com os borregos, as amêndoas e o resto do dinheiro que havia arranjado e não gasto.

Fez de seu marido um admirador e, depois, um devotado amigo e benfeitor desta Obra. Também por nós O levou a Deus.

Na Navigomes os distribuidores d'O GAIATO foram e são de tal maneira acarinhados que disputam entre si «aquele freguês». No Cinquentenário da Empresa, há pouco celebrado, fomos contemplados com o donativo de mil contos.

A Néné não quis flores no seu funeral. Era seu desejo que o dinheiro gasto em flores fosse dado aos Pobres. Sentir-se-ia assim

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

CASAS DE POBRES — Ao longo do ano, enquanto procuramos reparar as moradias dos nossos Pobres, vamos incidindo neles uma acção específica: prepará-los a usufruir, no próximo futuro, de um quarto de banho devidamente equipado. No exterior construiremos uma fossa, pois nos alvares do século XXI ainda não temos, aqui, saneamento básico!

É uma obra relativamente cara... Mas vamos procurando fazer tudo como for possível.

No entanto, já instalaram na localidade as infraestruturas para a canalização de água potável. Entregámos, por isso, na sede da Junta de Freguesia um ofício com destino à Presidência da Câmara:

«(...) Por V/ intermédio requeremos à Presidência da Câmara de Penafiel a cedência gratuita da instalação (entrada) de água de consumo corrente nas casas de dez utentes do Património dos Pobres — como, aliás, aconteceu oportunamente a outros, desta Vila, já servidos» desse precioso benefício.

O presidente da Junta respondeu, verbalmente, ter sido deferida a pretensão dos Pobres, que será concretizada conforme a água for chegando a cada um dos seus lugares.

PENSAR NOS POBRES — Recentemente, em uma das suas alocuções, João Paulo II afirmou:

«Penso de modo especial naqueles que são excluídos do banquete do consumismo quotidiano.

Há tantos 'lázarus' que batem às portas da sociedade! São todos aqueles que não participam das vantagens materiais resultantes do progresso. Existem perduráveis situações de miséria que não podem deixar de tocar a consciência do cristão e de lhe lembrar o dever que tem de enfrentá-las urgentemente, de modo tanto pessoal como comunitário.

E as ocasiões de demonstrar a disponibilidade a convidar os Pobres a tomarem parte no seu próprio bem-estar não se apresentam apenas aos indivíduos, mas também às instituições internacionais; os governos dos povos e os centros directivos da economia mundial hão-de-se empenhar no lançamento de itinerários corajosos que levem a uma repartição mais justa dos bens da terra, tanto no âmbito de cada país como nas relações entre os povos.»

PARTILHA — Assinante 3107, de Lisboa, com «pequena ajuda para a vossa Conferência. Se todos amássemos mais e cumpríssemos melhor as bemaventuranças, este mundo seria mais parecido com o que Deus criou! Todos os dias, nas minhas orações, peço por todos vós».

O costume, do assinante 42971, de Ovar. Perosinho: idem, do assinante 9790, que perora «uma oração pelos

moribundos. O Senhor se compadeça de todos e o Céu seja o seu destino». O nosso é um Deus de Misericórdia.

Os Pobres ajudam os Pobres: vale postal do assinante 25199, de Coimbra. Disse: «A minha pensão de reforma é um pouco abaixo do salário mínimo. Sempre que podemos, tiramos um pouco ao pouco que nos resta das nossas despesas, para os Pobres. Sei que é pouco, como o óbolo da viúva de que nos fala o Evangelho».

Assinante 25881, de Vendas de Azeitão: «A migalha de 5.000\$00 é para dividir pela vossa Conferência e pela minha assinatura d'O GAIATO. Partam lá isso ao meio e Deus sabe das nossas misérias».

Cem contos, por cheque, do assinante 67835, da Covilhã, preso ao anonimato com os olhos no Céu. Mais «um cheque, de pequena importância», afirma o assinante 51077, de UI, por alma de sua esposa. E mais «dez mil para o que acharem melhor», da assinante 11856, do Porto.

Uma senhora, da Rua Alberto Sampaio, Porto, «com ajuda para os que mais precisam. Gostaria que o donativo permanecesse anónimo». Cumprimos. Assinante 35161, de Carregosa, Vale de Cambra, trinta mil, pedindo a Deus «pela orientação cristã dos nossos filhos e pelos jovens em geral, neste tempo de férias em que tudo se excede. Deus os acompanhe e ilumine». O coração de Mãe é assim!

Cinco mil, da assinante 16296, de Portimão, «para acudir a quem muito sofre, talvez aquela doente de que falam na última edição d'O GAIATO». Retribuímos, com amizade, «as saudações fraternas». Outro cheque, anónimo, de Aveiro, para a doente, lembrando «um problema grave que tenho na minha família». O nosso Deus ouve tudo, de todos.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

DESPORTO — Acabou mais uma época de futebol e os nossos rapazes ficaram muito satisfeitos. Esperamos que a próxima seja melhor.

FESTAS — Parámos com as nossas festas. Estamos, também, a recomeçar novos ensaios.

MÚSICA — Acabaram as aulas de música, em Paredes, para sete rapazes. Ficámos muito contentes porque os professores e os alunos foram muito simpáticos connosco.

CÃES E GATOS — Há pessoas que vêm cá entregar cães e gatos aos nossos rapazes mais pequenos, o que nos traz muitos problemas!

Nós estimamos a bicharada, mas não podemos aceitar esta forma de algumas pessoas lidarem com os mais pequeninos.

TRABALHOS — Temos aproveitado o tempo de férias para grandes limpezas às casas, e preparação de mobílias novas para que elas fiquem mais elegantes.

«Melão»

AZURARA

Dias lindos. Dias de tudo. Às vezes, de chuva, quase sempre vento e muitas «correntes de ar» forte em nossa casa. São correntes de alegria dos nossos rapazes em férias, felizes, brincando na praia. Ora fazem bonitas construções de areia, ora jogam a bola, ora caminham para as rochas em busca de caranguejos que eles tanto gostam de apanhar para o balde, ora mergulham descontraídos nas águas do mar. Os nossos rapazes não têm medo de nada. São fortes de alma e de corpo.



Os nossos «Batatinhas» na praia de Azurara.

Em férias levantamo-nos mais tarde. Este ano temos um fogão novo que nos facilita muito as refeições e os cozinheiros são pontuais e competentes. Da quinta de Paço de Sousa vêm legumes muito frescos que as senhoras preparam para que não se estraguem e façam boas sopas e saladas.

Temos sempre sobremesas deliciosas. Os «Batatinhas» adoram-nas!

No fim do almoço os mais pequeninos dormem a sua sesta. Antes do jantar rezamos o Terço e meditamos, fazendo uma leitura no refeitório.

É bom vê-los andar de baloço depois das suas responsabilidades na copa e no refeitório. Tudo limpo. Tudo aseado.

À noite, depois de todos lavados e já na sua camarata (bela caminho limpa!), rezamos a Jesus e também cantamos.

Temos Missa ao sábado, à tarde, no nosso salão de jogos e ensaiamos cânticos para a celebração.

Apesar de tudo, da revolução que existe, das correntes de ar, somos uma família e estimamo-nos muito.

De Azurara um abraço aos nossos Leitores.

M. Fernanda

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS —

Estamos em período de férias. São sempre bem vindas, após um ano de trabalho e de stress — que é o nome da moda. Vivemos os dias de hoje a correr e, se não formos resistentes, fisicamente, poderemos adoecer. Mas Deus é Pai e temos fé que anda sempre ao nosso lado. Bem hajam os que crêem n'Ele.

Quando se liga a televisão, na hora dos noticiários, só falamos em violências e mortes bárbaras. Depois, a política. Cada um defende a sua tese. Mas quando estão a governar, esquecem rapidamente o que prometeram aos cidadãos.

O nosso povo está a ficar cansado de promessas. Tem de

campo para a prática desse desporto e de outros. É uma grande oferta do nosso Padre Manuel. Precisamos de bolas. Pedimos tudo. Quem nos ajuda? Obrigado.

Zacarias

haver mais fiscalização às injustiças. Os velinhos estão a passar mal e não se admite, por isso, que as pessoas que ganham mal tenham os medicamentos ao mesmo preço dos que ganham bem.

Tem de haver sensibilidade por parte dos médicos: ao passarem uma receita, o medicamento não poderia ser substituído por outro mais barato, com o mesmo efeito, mas de laboratório diferente?

As pessoas não revelam as suas carências e, por vezes, têm vergonha de falar. É preciso quebrar o «gelo» das pessoas que se dizem mais cultas, às quais falta a parte mais importante — humanidade.

Desculpem o desabafo, mas são queixas que, todos os dias, ouvimos dos Pobres. Precisamos de respeitar todos aqueles que recorrem a diversos departamentos, seja qual for o seu estatuto.

Damos as boas vindas ao nosso Padre Telmo, que regressou de Angola para umas curtas férias. Esperamos que descanse e Deus o proteja e a todos os Padres da Rua.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Casal vicentino

RETALHOS DE VIDA

O «Ambulância»

Sou o Vítor Manuel da Costa Pereira. Os meus companheiros tratam-me por «Ambulância», mas eu não me chateio. Nasci a 24 de Junho de 1988, na freguesia de Gueifães, do concelho da Maia.

Tinha sete anos quando vim para a Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, porque o meu pai abandonou-nos. Andava sempre à luta, onde a gente vivia! E partia muitas coisas!

Gosto muito desta nossa Casa, por ser tão linda! Tenho aqui dois irmãos e outros dois em Gueifães. Além de frequentar a Escola Primária, eu dou uma ajudinha às senhoras da rouparia, nas horas vagas. Quando for grande, quero ser padeiro.

Vítor Pereira («Ambulância»)



BENGUELA

16 DE JULHO — Mais uma vez festejámos o grande dia da Obra da Rua, agora com a cerimónia da Confirmação de trinta e dois rapazes. Foi na paróquia de S. João do Cavaco. Como o refeitório não chegava para receber os antigos gaiatos e os convidados, utilizámos também o pátio.

Neste dia tão importante gostaríamos de ter uma aparelhagem de som e música para o salão. Falámos nela, mas o nosso Padre Manuel diz que não tem dinheiro. Quem nos pode ajudar?

CAMPO POLIVALENTE — Está em construção. O campeonato africano de basquetebol, a decorrer em Luanda, dá-nos mais vontade de ter um

Setúbal

Continuação da página 1

Com elas no Hospital do Outão, tudo o que dissesse respeito a ossos com os rapazes, desta e doutras Casas, foi encaminhado e resolvido como se fosse seu.

Às Irmãs do Outão ficamos a dever muito carinho e até alguma maternidade sempre, mas sobretudo quando as dificuldades apertaram.

O próprio Hospital de Santiago do Outão deve a sua permanência actual às Irmãs. Não fossem elas, durante décadas, manterem gratuitamente as estruturas daquele centro ortopédico e, vê-lo-

famos hoje transformado, talvez, numa hospedaria turística alugada a alguma empresa rica.

Padre Acílio

AVISO

Como já deram fé, alterámos o processo mecânico de expedição do nosso Jornal. Substituímos a etiqueta pela folha que agora endereça, procurando otimizar, deste modo, a sua recepção no domicílio de cada um, pelos CTT.

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Situações miseráveis e escandalosas no nosso tempo

A Imprensa vai dando notícia e nós vamos observando e testemunhando algumas situações que nos inquietam. E procuramos chamar a atenção dos que governam e dos que nós lêem:

— Uma família com oito filhos a quem ardeu a barraca, há cinco anos, a viver num contentor onde foram colocados, sempre à espera de uma casa que lhes foi pro-

metida e já em 1993 se tinham inscrito na Câmara para obtenção dela no Programa Especial de Realojamento. A pobreza tem acompanhado, de tragédias, o percurso desta gente. O incêndio foi o primeiro. Depois, a morte de dois filhos e de uma neta. Duas filhas amantizaram-se com rapazes e nasceram bebés com problemas. O contentor todos os Invernos se transforma em pequeno lago. Alguns dos

filhos foram atacados por doenças nervosas e ficaram com muitos problemas. Vivem da caridade dos vizinhos e do cobre, alumínio e vidro que o homem recupera na sucata. A mãe continua a suspirar por uma «casita». Ela assim se manifesta: — Gostava de ficar na freguesia. Mas, não me importava de ir para outro lugar.

— Há famílias, em amontoados de barracas, que espe-

ram, há muito, habitação digna. O empreendimento de cento e cinquenta fogos tem projecto e terreno. Mas a construção permanece adiantada, embora prometida para este ano, que já vai a meio. Algum terreno foi tomado por dezenas de pessoas que ali construíram as suas casas de lata e de madeira. Era ali que lhes tinham prometido viver.

Um amontoado de barracas estende-se por toda a avenida, em contraste com o hotel de luxo que ficou cercado por elas e por vários prédios que ali continuam a nascer.

— As cinco famílias a quem ardeu a barraca, ficaram na rua e a rua é pública e de todos. As barracas eram todo o seu mundo. Continuam à espera de moradia capaz de os receber.

— Cidade muito industrial com um mundo de bairros degradados, onde há muitos drogados, prostitutas, toxicodependentes a dormir em carros velhos, abandonados, e em carruagens da CP, inutilizadas.

— Moradores dum bairro queixam-se, há muito, de esgotos entupidos, sanitários incapazes, toda a sujidade a correr pelas moradias e continuam à espera.

Em contacto com todas estas situações, cada vez damos mais razão ao ditado antigo do nosso povo: — Não prometas a pobres nem faltes a ricos.

Padre Horácio

BENGUELA

Festa da Obra da Rua

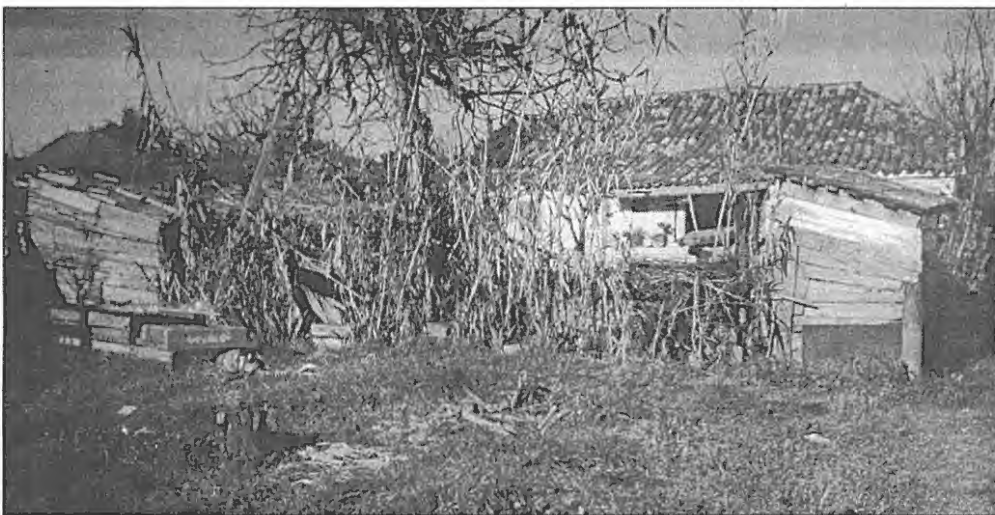
A CABÁMOS de celebrar o 16 de Julho, festa da Obra da Rua. Pai Américo foi recordado e celebrado com gestos significativos. Logo de manhã cedo, o colo da Teresa acolheu dois bebés, abandonados pela mãe, dias antes, sem se saber do seu paradeiro. Fomos levá-los ao Abrigo dos pequeninos, por troca com outros seis já não bebés, que chegarão a nossa Casa dentro de momentos. Estes são os grandes negócios da nossa vida. Por sinal, feitos em dia tão solene. A Casa está cheia, é verdade, vamos deitá-los em esteiras, que a urgência assim obriga. «Em tempo de guerra não se limpam armas», diz o ditado. Estamos metidos na grande «guerra» da vida contra a morte. Quando nos perguntam como vai a nossa vida, a resposta é esta: luta cerrada, na trincheira da paz.

Outro momento rico pelo significado que teve na festa da Obra, foi a recepção do sacramento do Crisma ou Confirmação. Trinta e um rapazes foram confirmados, dos 18 aos 21 anos. Quiseram, com muito empenho, receber o sacramento. É um acontecimento importante, é único na história religiosa dum jovem. «Fazer de cada rapaz um homem» é o lema da Casa do Gaiato. O homem, porém, não é apenas estômago, nem só carne ou matéria. É pessoa porque tem alma. Cuidar da alma é, pelo menos, tão importante como tratar do corpo. Daí, ajudar o rapaz a ser homem é ajudá-lo a ser cristão.

O encontro com os filhos criados na Casa do Gaiato e, agora, lançados na vida, é também nota muito típica deste dia. Foi o que aconteceu. Os que vieram à festa ficaram contentes. Alguns já são avós. Bendito seja Deus pelo dom da vida de Pai Américo e da Obra que nos deixou!

Alguns dias antes, esteve entre nós uma delegação da Assembleia da República Portuguesa, com o seu Presidente. A visita à nossa Casa do Gaiato constava do programa inicial. Não pôde ser cumprida, entretanto, por falta de tempo. Tive pena. É que eu queria dizer à mui ilustre delegação algumas palavras, fruto de longa reflexão que venho fazendo, pelo caminho já andado, no meio deste povo.

Padre Manuel António



Em contacto com estas situações, cada vez damos mais razão ao antigo ditado do nosso povo: «Não prometas a pobres nem faltes a ricos».

MALANJE

Reflectindo

CHEGUEI, há dias, de Angola. Não consigo afastar da mente a realidade dolorosa da fome. Não, somente, a fome de pão, mais profunda, a fome de justiça, de paz e, sobretudo, o grande abismo que é a ausência do amor entre os irmãos.

Logo nos primeiros dias entrei num imponente supermercado com tudo aos montes: Rimas de queijo, de fruta, de congelados, de tudo (e até em excesso), o que é preciso para comer e vestir.

Rápida, e magoando, veio a recordação viva da cena dum grupo de crianças e mulheres apanhando, afanosamente os grãos de milho deixados por um saco roto numa camioneta. Depois, puseram-nos ao lume, dentro duma lata, para torrar. A seguir, levados à boca — com o mesmo prazer com que nós saboreamos um gelado docinho.

Meu Deus!, como este recordar me levou à náusea ao contemplar os baldões gelados de carnes e carnes...

Então, olhei o afã das pessoas nos corredores das bolachas, do vestuário, dos enfeites das frutas... Afadigados, lutando na vida por terem sempre mais... Empurrados pela gigantesca e desumana propaganda de tudo o que esta sociedade de consumo nos quer impingir.

Melhorar a vida!

Mas que vida?

O «Pão nosso de cada dia» não quer dizer, somente, o pão das padarias — mas, todo o alimento necessário ao corpo e à alma. Matar todas as fomes de pão, de justiça, de paz e de amor.

Nesta luta gigantesca e de atropelo — como todos nós esquecemos o alimento essencial à vida espiritual: «Eu Sou o Pão Vivo...»

Padre Telmo

ERRATA — No Malanje do número anterior, onde se lê Aeroporto de Luanda, em subtítulo, deveria ser Aeroporto de Malanje.

Lançamento da quarta edição do terceiro volume do livro «Pão dos Pobres»

TRATA-SE de uma colecção — do primeiro ao quarto volumes — que ora fica completa e ao dispor dos nossos Amigos.

Não deixa de ser curioso citar prefácios ou notas de abertura, de um ou de outro destes livros, para o Leitor que desconhece a obra poder aquilatar ou ficar com uma ideia da sua feitura. E, porque não?, da sua repercussão junto do público.

O primeiro e segundo volumes estão já na quinta edição; no caso vertente, o terceiro, na quarta; e o quarto volume, na primeira.

Aí temos um apontamento de Pai Américo, «À laia de prefácio»:

«Venho hoje a este mirante fazer um bocadinho de história, dar uma novidade e pedir uma opinião. Conto para

tanto com a piedosa benevolência do público e desde já entro na matéria.

A Sopa dos Pobres, criação do senhor D. Manuel Luís Coelho da Silva, foi inaugurada por ele no dia 19 de Março de 1932. Nessa data andava eu enfermo e, como não pudesse trabalhar, roguei ao então meu Prelado que me deixasse ao menos visitar Pobres e cuidar da Sopa deles, serviço este compatível com as minhas dores de cabeça de então.

Dentro em breve tempo e em virtude dos apelos aqui feitos, começa a ser espartosa a lista semanal das ofertas, vindas de todo o mundo e publicadas no Correio de Coimbra: da Europa, da África, da América, de todas as províncias do País. Por avião, por vapor, por comboio, por camioneta, de automóvel, em carro de bois, em mão própria. Nas ruas, nas estradas, nos eléctricos, nas igrejas, nos comboios, nos hospitais, nas casas. Roupas, calçado, livros, selos. Patos, perus, cabritos, coelhos, galinhas. Azeite, batatas, feijão, doces, farinha, mel, merce-

rias. E dinheiro; muito dinheiro; muitíssimo dinheiro. O meu Prelado chama-me a contas e pergunta-me por elas; eu digo-lhe que as não tenho nem as faço. Resposta pronta e textual: — A sua vida é um mistifório. E nunca mais me interrogou. Eis o bocadinho de história.

Segue-se a novidade. Dizem-me que esta prosa é muito procurada e muito lida e, por ser original, gabada por todo o mundo. Aquilo que nós queremos, facilmente acreditamos; e como eu desejaria que realmente assim fosse, dei em acreditar e aceitei o conselho de um amigo, o qual amigo está respigando a prosa desde o seu início para ser publicada em edição de dois mil volumes, a sair mui brevemente. É impossível que estes livros

não sejam num instante adquiridos no mercado para dar lugar a outros tantos; não pelo que eles valem, mas sim pelo que eles são: pão dos Pobres. Aqui tens a novidade...

D. Américo

Não tardaremos a receber requisições dos Leitores interessados no terceiro volume do «Pão dos Pobres». Seja daqueles que desejam ler e escutar Pai Américo, em suas férias, ou de outros que não dispõem do livro reeditado na sua biblioteca ou na mesinha de cabeceira.

Júlio Mendes

PENSAMENTO

A Caridade é solícita.

PAI AMÉRICO

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Julho, 65.800 exemplares.

Os cinquenta anos da nossa Tipografia

É oportuno dar a palavra a Pai Américo, porque, sabe Deus como, viveu intensamente, com o coração nas mãos, a implantação da nossa tipografia em nossa Aldeia de Paço de Sousa, «inaugurada a 16 de Agosto de 1949, começando então O GAIATO a ser ali impresso» — escreveu pelo seu punho.

Amor ao trabalho

«Aquele nossa representa a necessidade que temos dela, não ainda a tipografia. Nossa quer dizer o desejo ardente que experimentamos de dar alimento às inteligências, enriquecer a Nação, implantando nestes rapazes o amor ao trabalho. O Cisco a trabalhar. A Crápula a produzir. O mundo inteiro a colher benefícios naquelas mesmas fontes aonde antes só colhia prejuízos. A nossa tipografia!

Ontem, no Porto, dei o sim, a tremar, aos importadores dos maquinismos. Ele implicava o depósito imediato de um terço da factura, segundo o nosso contrato. Eu havia de entregar a terça parte de quinhentos contos, mas o senhor com quem tratava, olhou para a minha aflição e escreveu para a Suécia, a mandar vir.

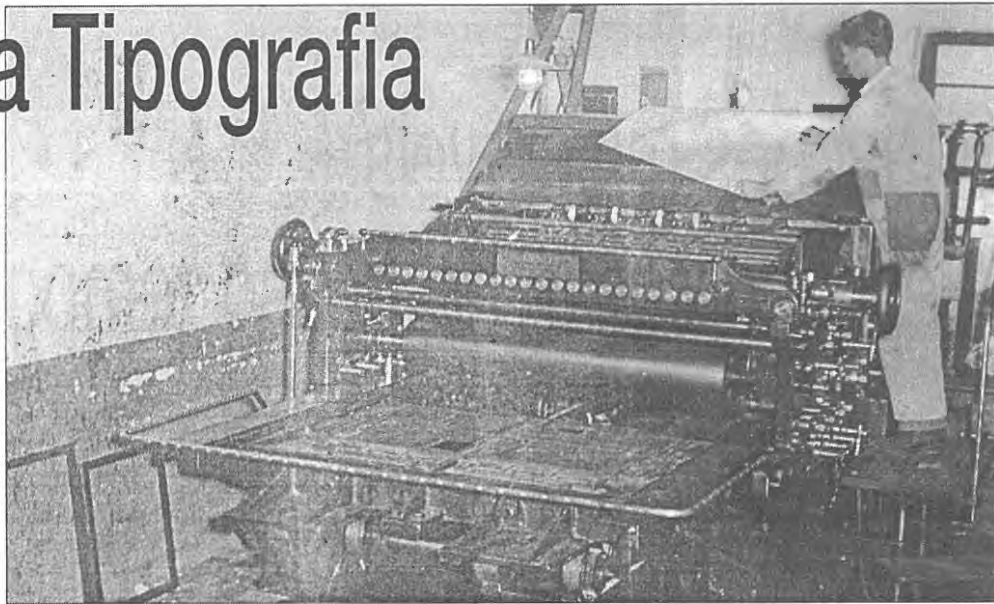
(...) Por muito falada, a nossa tipografia-escola tem sido muito discutida. Não há ninguém que não compreenda a sua vantagem, bem como a sua necessidade: — Ele precisa dela. Ele tem razão em pedi-la. É um remédio estupendo para os rapazes da Obra.

O mundo rege-se por máximas que são os seus mandamentos

(...) Antes de ter ido com a minha tristeza aos importadores, tinha estado nos Bancos com a minha esperança. Expus a minha doutrina, mas eles, os Bancos, têm também a sua... O mundo rege-se por máximas que são os seus mandamentos. 'Vale quem tem' é o primeiro deles. É falso, sim, mas é o fio. É o astro. Tudo gira em roda dele. De uma vez, parei numa cidade à porta de um cambista, a olhar para o letreiro: — Entre. Vale quem tem. Barras de ouro. Moedas do mesmo metal. Notas. Títulos. O mundo respira por ali. Vive daquilo. Procura. Acredita. Tem pena de não ter, porquanto vale quem tem. Eu mesmo, se tivesse, não me faltariam facilidades em qualquer casa bancária. — Entre... se tem. São as leis do mundo, diante das quais estamos e pelas quais nos regemos.»

(O GAIATO, n.º 123, 14/11/48)

Da encomenda aos «importadores dos maquinismos» e ao judicioso comentário à actividade bancária, houve que procurar fiador e lançar uma procissão nas colunas d'O GAIATO — que durou dois anos — para, deste modo, liquidar o grande investimento, atendendo às carências da época. Foi um grande desfile de generosidade e de doutrina cristã!



1949 — «Parece uma locomotiva, mas não é. É um farol que vai alumiar muita gente e impedir que venha a naufragar. A luz será o Evangelho. E O Gaiato, como poderoso objectivo, irradiará para lá dos horizontes às cinco partes do mundo.» (Pai Américo)

Maquinaria montada

«Agora, que está montada a maquinaria, era ocasião oportuna de lançar uma grande bênção por todas as engrenagens para que não venham a emperrar... Bençozinha... de sacristão, isso não.

Ora nada menos que três Bispos entram nesta altura na fileira, feitos propagandistas da Obra da Rua. E enviam, para prova, listas enormes de assinantes. É que lhes dói, como a nós, ver entre as ovelhas do rebanho que lhes está confiado, muitos cordeiros perdidos que, em breve, serão lobos vorazes a voltar-se contra o próprio rebanho que os enjeitou.

Isto compreenderam em primeiro lugar os nossos Bispos de Coimbra (...); isto viu igualmente o nosso Cardeal Patriarca (...). Isto viu também o Cardeal do Rio de Janeiro que, por andar afeito às ilhas, quis que os seus Padres ouvissem o Padre Américo para que às ilhas eles prestassem atenção e assistência. Mas estas coisas não se enxergam bem do palácio, é preciso descer um pouquinho até às pedras da rua. Gostamos muito de ver assim a Igreja na companhia dos pobres, dos pedintes, dos operários, etc.»

(O GAIATO, n.º 143, 28/8/49)

Rejubila, por fim, na beleza do seu estilo literário, com a impressão e a expedição d'O GAIATO em nossa Casa, acentuando, por isso, «ter chegado ao que desejava».

As ideias são lâminas cortantes

«Nunca foi tão nossa como hoje! Aonde antes se lia um nome estranho, hoje, nesse

mesmo lugar, lê-se composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato em Paço de Sousa. É o número 145 do jornal que dá ao mundo a novidade. Nunca foi tão nossa como hoje!

A procissão continua no ritmo que lhe é dado: vagaroso, penitente, silencioso e assim há-de ir até recolher. (...) São os gaiatos, ontem dos caminhos e hoje presos às caixas de composição. É vê-los em fileira a tirar letras e a encher o componedor. Estão atentos, interessados, felizes. Já são muitos. Lembro o «Corre», o Luís, o «Valeta», o «Foz Côa»; mas eles hão-de ser mais.

Cheguei ao que desejava. As ideias são lâminas cortantes e de força quase indomável. Todos trabalhamos para chegar a este ponto e todos gozamos o panorama da mesma maneira. Quer seja pela leitura desta notícia quer seja pela presença e toque do que ela diz, uns e outros naturalmente se regozijam por verem em acção o fruto dos seus sacrifícios: o trabalho. O trabalho a ensinar. O trabalho a dar amor e valor à vida.

(...) Eu quisera saber rezar; compor uma oração espontânea e fervorosa para dizer, de joelhos e todos comigo, de quanto devemos a Deus todo Poderoso Criador do Céu e da Terra. Dizer dos altos pensamentos e santas inspirações com que Ele sabe inundar as almas de boa vontade. Dizer baixinho, oferecer tudo e não pedir nada! Esta seria a oração que eu devia compor; esta seria a acção de graças por ter sido possível vencer tantas dificuldades com sacrifícios tão diminutos — porque Deus ajuda.»

(O GAIATO, n.º 145, 17/9/49)

O impressor ligou e a máquina rolou!

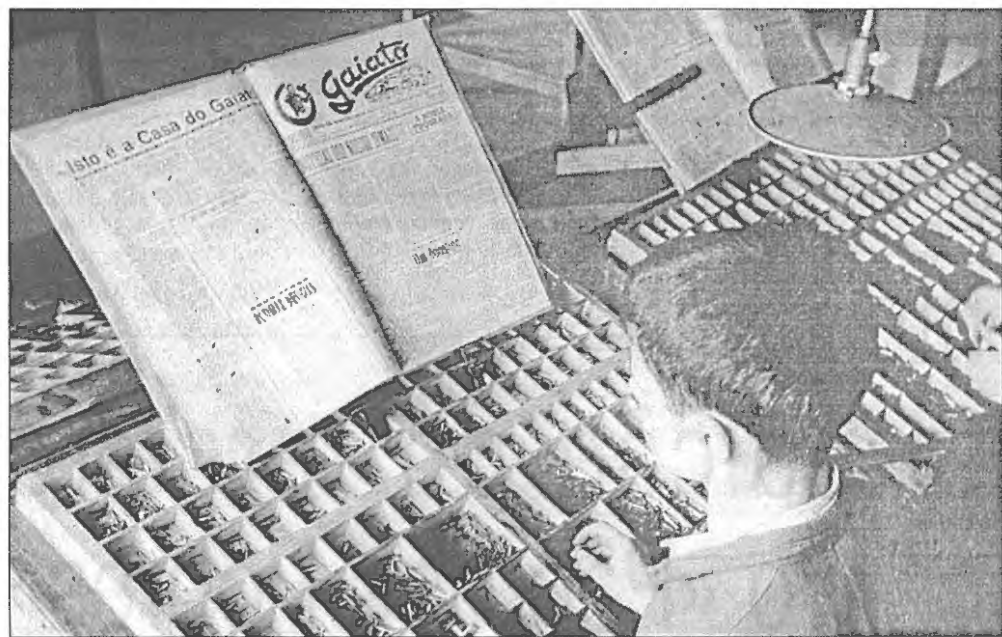
«A inauguração da nossa tipografia foi feita segundo os nossos usos e costumes: Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes; e está tudo dito. Melhor: estando racionada a energia, começámos o trabalho às oito horas da noite. O impressor ligou e a máquina rolou! Eu aparei nas minhas mãos pecadoras o primeiro fruto da obra ingente. Deu meia noite e ainda estavam rapazes dos maiores: os cozinheiros, os chefes das casas, outros isolados. Não faziam ali nada. Estavam a ver. Estavam a gozar. Tratava-se da nossa tipografia! Eram três da madrugada e ainda estavam rapazes! Sei que ficaram alguns até de dia! Não tinham ali nenhuma obrigação. Prenderam-se à riqueza, ao actual oiro da nossa Aldeia. Oiro deles, para eles; por isso mesmo ali estavam os maiores da nossa Aldeia.»

(O GAIATO, n.º 146, 1/10/49)

Cinquenta anos depois, repetimos, aqui e agora, «a oração e a acção de graças» que Pai Américo invocou, naquele tempo, com a tipografia já a funcionar. Hoje, a nossa comunidade lembra o facto, no Altar da nossa Capela.

Padre Baptista

Júlio Mendes



1949 — «São os gaiatos, ontem dos caminhos e hoje presos às caixas de composição tipográfica, a tirar letras e a encher o componedor. Atentos, interessados, felizes.» (Pai Américo)

CALVÁRIO

Fidelidade

No alto da montanha Cristo contempla a vastidão do mundo e escuta: «Dar-Te-ei tudo isto se Te prostrares e me adorares.»

Os homens, hoje, andam desenfreados na busca de tudo quanto possam obter, de tudo quanto consigam adquirir.

«Dar-Te-ei tudo isto» é a tentação de sempre e que leva o homem a querer sempre mais, a querer tudo. E as facilidades de aquisição são caminho fácil nos dias que correm.

Até mesmo, em nome dos que precisam, a Igreja, se não está acautelada, entra nesta caminhada. Mas a actuação da Igreja para ser verdadeira deve permanecer evangélica: «Retira-te satanás. Ao Senhor Teu Deus é que hás-de adorar. Só a Ele prestarás culto.»

Os fins não justificam os meios em situação alguma. Contudo, a Igreja, em nome dos Pobres, sofre a tentação de tolerar muita coisa, mesmo a subserviência ao Poder para dele arrancar mais meios. Ora «se não for o Senhor a edificar a casa em vão trabalham os construtores» — diz o salmista.

Verifica-se, na verdade, que a Igreja sofre a tentação irresistível de andar de mãos dadas com o Estado, a fim de este lhe conceder meios necessários para a realização das tarefas que se propõe. A Igreja, com tal parceria, falsifica-se e dá a sensação de perder a fé no Senhor e no Seu poder. Parece vendida.

Não será melhor fazer menos, mas evangélicamente, contando

apenas com a força de Deus que tão bem sabe sugerir aos seus o dom da partilha?

Apresentar-se pobre ao lado dos Pobres e não rica, poderosa, influente ao lado dos necessitados é seguir os passos do Mestre que veio até nós na maior pobreza.

O Estado gosta que lhe peçam, que se lhe submetam para depois mostrar o que vai fazendo pelos seus «servidores». O Estado só ajuda com esta condição. A Igreja, se vai na conversa, perde credibilidade.

Mas hoje é uma evidência a infiltração do Estado nas estruturas temporais da Igreja, nas suas obras sobretudo de carácter social e cultural. O valor apologetico desta fica assim comprometido. A força do seu agir nestas circunstâncias, aos olhos do mundo, vem dos poderes instituídos que lhe facultam os meios de acção e não da sua própria natureza.

Em nossas Casas tudo é feito por eles, rapazes e doentes. Daí o encantamento dos visitantes. Daí a presença destes e a sua ajuda

colaborante. Daí o valor apologético desta actuação.

A pobreza desejada é a nossa maior riqueza. Fazemos pouco, mas são eles, os obreiros, que o realizam. São os amigos da Obra que o permitem efectuar. Aqui, o Estado não aparece, mas o Senhor que se serve dos seus para demonstrar a grandeza.

Na Obra da Rua temos vivido esta experiência ao longo dos anos. Vamos dando e fazendo com o que o Senhor nos entrega pelas mãos daqueles que para aqui vai enviando.

Compreendemos bem que rico é o Pobre segundo o Evangelho. A este nada falta, porque se contenta sempre e só com o que o Senhor manda e é feliz com o que vai possuindo.

Ultimamente, o Estado tem forçado a sua presença entre nós e em muitas instituições ligadas à Igreja, para dizer que quem manda é ele, já que é o detentor do dinheiro. Andamos acautelados e não nos vendemos por nenhum prato tentador, mesmo de saborosas lentilhas.